

5. Literatura de Guiné-Bissau

Também na Guiné, assiste-se a um desenvolvimento da imprensa (*Boletim Oficial da Guiné Portuguesa*, 1880, *Ecos da Guiné*, 1920, *A Voz da Guiné*, 1925, *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, 1946–1973). A literatura no entanto, restringe-se à feição colonial. Mais tarde, predomina a poesia militante (**Vasco Cabral**), recolhida também na antologia (*Mantilhas par Quem Luta! A Nova Poesia da Guiné Bissau*, 1977). Para além desta antologia, aparecem, até ao final do século XX, outras compilações poéticas (*Poilão, Caderno de Poesias*, 1973 ou *Antologia Poética da Guiné Bissau*, 1990).

Na contemporaneidade, destacam-se novos autores como **Odete Semedo** ou **Abdulai Sila**.

ODETE SEMEDO

(1959) poeta, conhecida pelo forte pendor à oralidade (*Entre o Ser e o Amar*, 1996).

EU

Na poesia liberto-me
 Sou poeta
 Sou livre
 Enquanto poeta
 A natureza leva-me embalada
 Apodera-se do meu ser
 E da minha alma
 Enquanto poeta
 Sou apenas eu

(SEMEDO, Maria Odete da Costa Semedo. In GARCÍA, Xosé Lois.

Antologia da poesia feminina dos PALOP.

Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 1998, s. 194)

UM VELHO POILÃO

O tempo fez-me vergar
 E as minhas raízes saltar
 Agarro ao que de mim resta

E tento reconhecer a minha geração
Neste carnaval
De extrema solidão
No meu reino

Tenho pesadelos
Tractores de dentes aguçados
Ávidos lenhadores
De machado em punho
Meu oradores
Miram o meu tronco
Carcomido pelo tempo
À espera da queda fatal

Angustiado sonho como os belos tempos
Vejo os meus braços verdes
O meu tronco firme
Ostentando uma cabeça frondosa
De cabelos encarapinhados
Simulando perfis ocos
De rostos apinhados
Ainda recordo
De sombras que dei
Histórias de amor, noites de fogueira...
Quantas não assisti?
Fui símbolo de amor proibido

(SEMEDO, Maria Odete da Costa Semedo. In GARCÍA, Xosé Lois.

Antologia da poesia feminina dos PALOP.

Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 1998, s. 195)

ABDULAI SILA

(1958), autor do primeiro romance guineense, *Eterna Paixão* (1994). Os seus textos abordam a transformação pós-colonial da sociedade, a desilusão e degradação da vida bissau-guineense após a independência, enquanto reinava uma esperança coletiva (*A Última Tragédia*, 1995, *Mistida*, 1997).

MISTIDA

Era uma guerra que tinha começado algumas semanas antes. Sem nenhuma declaração formal, sem nenhum aviso prévio, sem ultimato. E ainda por cima sem a sua presença. Foram apenas alguns dias de febre que a obrigaram a ausentar-se do beco onde passara quase uma vida inteira sentada e logo tinha sido desalojada. Quando voltou, o lixo já se tinha apossado do seu lugar. Pediu-lhe que se retirasse, mas foi ignorada e desprezada. Protestou um dia inteiro.

No dia seguinte, o lixo tinha crescido o dobro. Passou os dias a vigiar, uma semana inteira. Na escuridão da noite o monte ia crescendo, noite após noite, sem parar. Finalmente pediu socorro, não podia lutar sozinha contra forças tão poderosas e cruéis. Os reforços solicitados e mil vezes prometidos ficaram pelo caminho minado pelo egoísmo e pela pobreza do espírito. A solidariedade requerida perdeu-se nos confins do desespero.

A partir de então tinha assistido impotente à maior humilhação de toda a sua vida. Ia de manhã e ficava perto de lixeira, a passear de um lado para outro, à procura de algum sinal aníamdor, algo que a fizesse crer que voltaria a ocupar o seu lugar de costume naquele beco de que sempre tão bem cuidara. Ainda não podia acreditar que não voltaria a sentar-se naquele sítio e vender as coisas que costumava vender para ganhar a vida, que uma actividade exercida ao longo de tantos anos podia ser interrompida daquela maneira, de um dia para o outro, e em mais nem menos. Mas por mais que tentasse não obtinha nada que fizesse crescer a esperança ou devolver-lhe o ânimo.

Mesmo assim, lutou até ao dia em que recebeu aquele rude golpe que jamais iria esquecer. Foi ao cair da noite, estava a dar a última volta ao local. Pareceu-lhe que alguém estava a chamar o seu nome atrás de si. Virou-se e procurou por todo o lado, mas não havia ninguém perto. Poucos instantes depois ouviu outra vez a mesma voz chamar o seu nome. Desconfiou, mas não quis acreditar. Olhou à volta e não encontrou nada. Então resolveu ficar parada no mesmo sítio e prestar muita atenção. Tudo ficou claro. A voz vinha do centro da lixeira. Chamava o seu nome e depois dava uma gargalhada comprida. Às vezes parecia voz de homem, outras vezes de mulher. Ficou sempre no mesmo lugar a escutar...

As gargalhadas eram cada vez mais compridas. Alguém estava a gozar com ela. Não era suficiente a maldade de expulsá-la do seu lugar, agora queria também fazer troça dela. Foi então que tomou aquela decisão. A batalha final ia começar.

Foi até à casa e voltou com um pau comprido. Ficou atenta à espera. Quando ouviu a voz, espetou o pau com toda a força que tinha no sítio donde ela tinha saído. Removeu quase todo o lixo em torno desse ponto, criando um enorme buraco. Ofegante e suada, ficou a olhar durante largos momentos para as pessoas que tinham começado a aglomerar-se à volta da lixeira. Com o pau bem seguro nas mãos, ela continuava à espera.

Deu mais uma volta ao local, enquanto um ar de triunfo começava a desenhar-se no seu semblante. Era uma sensação maravilhosa depois de tanto tempo de angústia. Tinha feito desaparecer a voz que a desafiava e provocava. Acabava de obter a primeira vitória naquela luta que vinha travando contra forças visíveis e invisíveis que ameaçavam destruir toda a sua vida. Era uma vitória à qual certamente se iriam seguir as outras, até à recuperação final e definitiva do lugar que lhe pertencia. Subiu para a lixeira e do seu topo dirigiu-se às pessoas que estavam à volta, cujo número aumentava cada minuto que passava. Havia muito murmúrio no local e por isso ela levantou as mãos para pedir silêncio. Falou em voz alta, num tom de quem tinha conseguido uma proeza inigualável:

– Todos os que estão aqui sabem que fui alvo de injustiça. Este sítio aqui, eu sempre cuidei dele; varria-o todos os dias, cuidava dele como cuido da minha casa. Estava sempre limpo e por isso muitas vezes as crianças vinham aqui brincar. Elas corriam e jogavam aqui durante todo o dia. Mas o que é que aconteceu depois? Vocês todos estão a ver. Este lixo veio para aqui sem ninguém o chamar. Veio e tomou o meu lugar. Tomou também o lugar das crianças. Quase está a tapar a estrada. Agora, eu queria pedir-vos, pedir a todos, uma coisa... É uma coisa muito simples: ajudem-me a tirar o lixo daqui. Ajudem-me a recuperar o lugar que sempre foi meu, ajudem-me a recuperar o espaço onde as crianças costumavam brincar. Eu sozinha não posso... por favor ajudem-me... ajudem-me, pro favor...

Mal iniciara a sua intervenção as pessoas começaram a abandonar o local. Uma única criança tinha ficado para ouvir as últimas palavras. Com o pau seguro numa mão, desceu do monte de lixo. Foi até à árvore que estava perto e encostou-se nela, mantendo os olhos fixos na lixeira.

(SILA, Abdulai. *Mistida*. In CABRAL, Eunice. *Roteiro da literatura contemporânea em língua portuguesa*. Universidade de Évora, 2010, pp. 305–307)